

UM MODELO DE ESCOLA NA FRANÇA EM TORNO DE 1660-1740: A ESCOLA CRISTÃ¹

Marcel Grandière

Tradução Sabina Ferreira Alexandre Luz

Revisão Maria Helena Camara Bastos

Resumo

A Igreja ajuda a construir um modelo de escola cristã, na segunda metade do século XVII, na França: uma escola contra a desordem da sociedade. Este texto destaca como a organização da escola, a maneira de ensinar, os gestos e hábitos de vidas impostos, e os conteúdos de ensino, participam para essa finalidade de instrução das crianças pobres.

Palavras-chave: Regulação social, religião, maneira de ensinar, ordem do tempo, *habitus*, conteúdo de ensino.

A SCHOOL MODEL IN FRANCE AROUND 1660-1740: THE CHRISTIAN SCHOOL

Abstract

In the second half of seventeenth century, the Catholic Church helps to build a Christian school model in France: a school against society disorder. This text underlines how school organization, teaching methods, imposed gestures, life habits, and subjects taught contribute to the purpose of instructing poor children.

Keywords: Social regulation, religion, teaching methods, time ordering, *habitus*, teaching contents

UN MODELO DE ESCUELA EN FRANCIA ALREDEDOR DE 1660-1740: LA ESCUELA CRISTIANA

Resumen

La Iglesia ayuda a construir un modelo de escuela cristiana, en la segunda mitad del siglo XVII, en Francia: una escuela contra el desorden de la sociedad. Este texto destaca como la organización de la escuela, la manera de enseñar, los gestos y hábitos de vidas

¹ Do original: «Un modèle d'école en France vers 1660-1740: l'école chrétienne. IN: GRANDIÈRE, Marcel; LAHALLE, Agnès (Dir.) L'innovation dans l'enseignement français (XVI – XX siècle). Lyon: INRP; Nantes: CRDP de Pays de Loire, 2004. p.35-51. Autorizado pelo autor para publicação na revista História da Educação/ASPHE-UFPEL.

impuestos, y los contenidos de enseñanza, participan para esa finalidad de instrucción de los niños pobres.

Palabras-clave: regulación social, religión, manera de enseñar, orden del tiempo, habitus, contenido de enseñanza

Um modelo de escola se constrói, na segunda metade do século XVIII, na França: uma escola contra a desordem da sociedade. É essa desordem que preocupa as elites, com seu cortejo de misérias, de mortalidades e de violências. Os pobres e os protestantes são considerados responsáveis por esta situação.

A imagem de pobre não é nada favorável. A ignorância popular inquieta os membros da Companhia do Santo Sacramento, particularmente a ignorância religiosa². O bispo de Vence, Antoine Godeau, no seu *Discours sur l'établissement de l'hôpital général fondé à Paris* [...] publicado em 1657, chama a eminente dignidade dos pobres, que todos devem venerar, mas aponta igualmente sua ignorância das verdades da religião, sua natureza desregrada, que os leva a roubar, pilhar e mendigar. A privação da liberdade, que organiza o hospital geral, tem por objetivo restabelecer "o status mais santo da pobreza em sua primeira reputação"³.

O modelo de escola, do fim do século XVII e início do século XVIII, participa dessa complexa atitude diante dos pobres e da plebe. O movimento que impõe a criação de escolas acompanha o esforço da instituição das casas de caridade, dos hospitais gerais, para aprisionar e reerguer os pobres. A escola aparece como uma resposta, entre outras, aos males da sociedade. O grande professor primário das escolas de Lyon, Charles Démia, também da Companhia do Santo Sacramento, faz a ligação entre a pobreza, a "profunda ignorância" e "a última libertinagem" da juventude das cidades⁴. A luta contra a pobreza passa então por uma reforma

² A Companhia foi fundada em 1629 por um laico, o Duque de Ventadour; um oratoriano, o padre de Condren; um jesuíta, o padre Suffren; e um capuchinho, Philippe d'Angoumois. Seu objetivo era unir as forças católicas para agir na sociedade e cristianizar o corpus social. Ver Alain Tallon, *La Compagnie du Saint Sacrement*. Paris, Éditions du Cerf, 1990.

³ Alain Tallon, *Ibid.*, p.145.

⁴ Charles Démia, *Règlements pour les écoles de la ville et diocèse de Lyon* [...]. A. Olyer, (s.d), « avis au lecteur ».

moral. È também a que praticam as irmãs de Saint-Charles d'Angers, cujo ato de estabelecimento data de 1714: quando visitam os doentes, os inquirem sobre os conhecimentos de religião das famílias, do cuidado dispensado com a educação das crianças, das ocasiões de excesso⁵. O pobre é por sua vez figura de Cristo, "templo animado", natureza desregrada e ameaça social.

Essa imagem complexa se observa particularmente naquelas crianças mais miseráveis. São os rejeitados que são deformados pelos maus costumes e que, em consequência, devem ser reerguidos. Démiá, no seu *Remontrances* para as autoridades das cidades⁶, escreve a propósito dos jovens maus alunos: eles "caem ordinariamente na preguiça; só fazem levar uma vida de libertinos e a vadiar, os vemos em grupos, conversando sobre assuntos devassos, se tornam indóceis, libertinos, jogadores, blasfemos, brigões, entregam-se à imoralidade, ao furto e ao banditismo [...]". Então, deve-se cortar aquilo que é ruim, fazer crescer as sementes de Deus asfixiadas pela desordem. É o que deve ser feito com o pobre de Deus, é reerguê-lo, o liberar dos seus entraves, extirpar o vício que é ativo nele.

Que papel a escola pode ter para levar as crianças no caminho correto.

A organização da escola

A escola é uma organizadora de ordem: ela procura materializá-la no espaço onde as crianças evoluem. Existe toda uma construção modelada do espaço escolar. Parece que a ordem, assim como o tempo, exige a materialização espacial.

⁵ Règlement pour les écoles de charité gouvernées par Mademoiselle Jallot, (s.d), archives de la communauté.

⁶ Remontrances [...] aux prévosts des marchands, eschevins [...], Lyon, 1666.

O espaço da sala de aula

Podemos representar o espaço modelo da sala de aula segundo *L'école paroissiale* de Jacques de Batencourt⁷. O prédio, em primeiro lugar, deve estar preferencialmente situado perto da igreja paroquial, mas em um canto, longe da agitação da rua. Batencourt prevê salas grandes, para cem a cento e cinquenta crianças, iluminadas de cada lado por grandes janelas, e aquecidas por lareiras. Uma pia de água benta permite que as crianças se benzam ao entrarem na sala: a escola é, de fato, segundo *l'Essai d'une école chrétienne*, publicado em Paris em 1724, "a igreja das crianças".

O centro da sala é o lugar escolhido para receber a imagem do crucifixo: trata-se, em Paris, de uma imagem de papel em talho-doce, de dois pés e meio de altura (ou seja, 81 cm); essa imagem é acompanhada de outras, como da Virgem e dos santos, e de um grande retábulo representando o julgamento final. A imagem do Cristo é a referência da sala, o centro simbólico da escola. Por isso, esse lugar é protegido, desprendido, as carteiras dos alunos encontrando-se afastadas dele. Ele constitui-se até mesmo em pequeno oratório para as freiras do padre Barré em Rouen. Todos os alunos viram-se, individualmente, na direção dessa imagem ao entrarem na sala e todos, de joelhos, ao menos quatro vezes por dia, na direção do mestre.

Cada um e cada coisa em seu lugar!⁸ A regra é que cada um esteja exatamente no lugar marcado, e que os diversos materiais escolares estejam "encerrados" em um lugar apropriado. O mestre encontra-se em sua cadeira com braços, as crianças

⁷ *L'école paroissiale ou la manière de bien instruire les enfans dans les petites écoles*, Em Pierre Targe, livreiro do arcebispo de Paris, 1654. Utilizamos nesse texto (p. 48 a 50) a edição de 1669: *Instruction méthodique pour l'école paroissiale, dressée en faveur des petites écoles*, par MIDB, prestre, Paris, Pierre Trichard.

⁸ "Chacun et chaque chose à sa place!". Nota do tradutor.

sentam-se nos bancos que ocupam toda a extensão das paredes, reagrupados em pequenos grupos de nível, chamados de "classes", "bancos" ou "bandas", dirigidas por oficiais⁹. Os bancos podem ter alturas diferentes segundo o nível de leitura que comanda geralmente a organização pedagógica da sala. Existem lugares reservados aos novos alunos, para que sejam reconhecidos pelo mestre e "enquadrados nas práticas da escola"¹⁰ pelas crianças mais avançadas. Quando há mesas para escrever, elas são colocadas perto das janelas; ou senão, a sala possui escrivaninhas quadradas para duas pessoas utilizadas na hora do exercício.

Tudo deve ser posto em seu lugar. As cestas do almoço sobre uma prateleira, com um pequeno cesto para recolher as esmolas, os objetos pessoais sobre pontadeiras ou portas-casaco; existe também um armário que é fechado à chave para guardar os livros atribuídos aos pobres, cada um sendo estritamente individualizado, os do mestre, a cesta dos terços levada todo dia para a missa pelo oficial nomeado para isto, os registros e os catálogos da sala, as imagens dos santos. Existe ainda uma estante para receber a cesta de papel e o necessário para a escrita, ou seja, a tinta, os tinteiros portáteis, o pó para secar e as plumas. Essas questões materiais não são apenas detalhes: podemos contar uma

⁹ "O mestre dividirá sua Escola em quatro ou cinco bancos, segundo a quantidade e capacidade de seus alunos; colocando no primeiro os mais capazes, como são os que aprendem a ler em francês, e nas Letras, a escrever, e a aritmética. No segundo, os que lêem razoavelmente no livro de orações. No terceiro, os que sabem soletrar e associar as palavras. E no quarto, os que aprendem a conhecer suas letras e a juntar as sílabas.", Em *Lettre pastorale de Monseigneur l'Évêque de Bayeux touchant les petites écoles, avec une méthode pour apprendre en peu de temps à lire, écrire, faire la catéchisme, et chanter*, Caen, 1690, "Manière de conduire une école", p. 59-60. Segundo os *Règlements de Charles Démia*, op. cit., p. 19, "o mestre dividirá sua Escola em salas diferentes, com relação à capacidade dos Estudantes [...]. Quando a Escola for numerosa, pode-se subdividir cada uma dessas salas em diversas bandas [...]"

¹⁰ Jacques de Batencourt, op. cit., chap. II, art. 3.

pinta¹¹ de tinta por mês em Moulins, e uma centena de pincéis por ano!¹²

Até mesmo as crianças são cuidadosamente registradas na escola cristã. Trata-se de pôr em ordem as inscrições, ou seja, impedir as mudanças descontroladas de escola, verificar que os mestres não se encarregam de mais estudantes do que o possível para ganhar mais dinheiro (em Paris, a *escola paroquial* limita a cem o número de estudantes por sala quando o mestre é ajudado por um assistente, e a sessenta quando não o é)¹³; em Moulins, em Poitiers, a previsão era de cem para o grupo dos grandes, cento e cinqüenta para os pequenos. O registro rigoroso dos estudantes visa ainda o controle das entradas nas escolas de caridade reservadas aos pobres, ou mais pedagogicamente, a classificá-los em grupos de capacidades diferentes que estruturam a escola.

O registro existe em todos os lugares: nele estão inscritos, segundo a data de chegada devidamente estabelecida, os nomes e sobrenomes das crianças, os dados dos pais e mães, do parente que representa a criança órfã, o nome da rua, do pavilhão, da paróquia onde mora a família; algumas informações mais detalhadas próprias para guiar a ação do mestre também são registradas: hábitos e caráter das crianças, sacramentos recebidos (o registro dos Lasallistas marca uma cruz para as crianças que

¹¹ Medida antiga. Nota do tradutor.

¹² Règlement concernant la conduite et la direction des écoles charitables établies dans la ville de Moulins, sous le titre et la protection du Saint Enfant Jésus, manuscrito, p. 34, Arch. départ de l'Allier, D. 145.

¹³ Segundo Batencourt, op. cit., chap. III, "Sobre a admissão das crianças na escola", "É preciso que o mestre seja prudente na admissão das crianças afim de não se sobrecarregar além de suas forças, o que traria um grande prejuízo às crianças [...]", p. 62. As medidas efetuadas por Martine Sonnet, L'éducation des filles au temps des Lumières, Paris, Éditions du Cerf, 1987, nos levam a pensar que as turmas das escolas de caridade de moças em Paris acolhiam efetivamente 60 a 70 alunos, enquanto que os professores e professoras de canto ensinavam menos de 20 crianças.

comungaram, e um "c" para aquelas que foram confirmadas), incômodos e enfermidades que podem justificar as ausências, se eles sabem ler e escrever... Como a criança é registrada pelos pais, ou o adulto a quem ela foi confiada, o mestre deve aproveitar esse momento para saber se outra escola já foi freqüentada por ela, se a criança é mimada pela família, ou, ao contrário, tratada de forma muito rude, se convive com más companhias. A este primeiro livro pode ser adicionado outro, renovado cada mês, para anotar o pagamento da escolaridade, quando esse último é praticado.

Os Lasallistas são os mais rigorosos na precisão da inscrição: ao catálogo habitual dos alunos admitidos na escola, se acrescentam outros dois: um "catálogo das ordens da lição", onde cada criança é inscrita em seu nível, com a data precisa de sua entrada, e também com uma contagem precisa dos atrasos, das faltas justificadas e o número de vezes que a criança não soube seu catecismo, e enfim o "catálogo para servir à troca de lição dos estudantes da escola" destinado aos inspetores, para lhes dar as indicações necessárias ao controle das mudanças das lições. Fora das escolas Lasallistas, há um sistema de catálogo (diferente do registro) que permite uma rápida visualização dos presentes e dos ausentes: em Paris, murais de madeira para colocar o nome dos oficiais e de todos os alunos sobre pequenas cartolinas amarradas com cordinhas e, portanto, facilmente desamarradas. Em Moulins, um mural com furos (seis diante de cada nome, um para cada dia da semana) permite o mesmo controle das faltas.

A organização do tempo

A ordem da escola necessita ainda da tomada de consciência da passagem do tempo pelas crianças para que elas tenham um bom domínio sobre ele. Aprender a se situar no tempo cotidiano, semanal e anual, ser capaz de compreender e de ter percepção da duração, essas são aquisições essenciais realizadas na escola. Elas são suscetíveis de evitar a desordem da vida habitual aos pobres, segundo uma imagem frequentemente retomada. A

não-ocupação, o ócio, na realidade a desordem temporal, conduzem ao vício, à libertinagem e à violência.

Daí a vontade de organizar bem o tempo na escola, ritmado pelo sininho do mestre, o sinal do irmão lasallista, o batimento de suas mãos, o lançamento de curtas invocações religiosas. Chegar "na hora marcada" é uma exigência repetida dos métodos. As aulas duram quatro/cinco horas, às quais é preciso acrescentar um tempo de repetição antes da chegada do mestre de manhã e à tarde, mais o tempo de celebração do sacrifício da missa, obrigatória.

Eis uma "disciplina das escolas" tipo, segundo a expressão da *Lettre pastorale* de Bayeux: suponhamos que as escolas abram às 7 e meia, sabendo que existe praticamente em todos os lugares uma diferença de meia hora entre o inverno (entre o dia de todos os Santos e a Páscoa) e o verão. Os oficiais, sob a direção dos intendentés, dirigem, então, a escola. A chegada do mestre às 8 horas é marcada pela recitação das preces da manhã, de joelhos, a classe inteira virada para o crucifixo. É o primeiro exercício da turma, já que ele permite a memorização de todas as preces que ritmarão sua vida de adulto. Até às nove horas são feitas as lições de leitura, graças a uma hábil organização na qual os alunos mais adiantados fazem os outros estudarem. Quando terminam a lição, continuam a repetir sozinhos, sem barulho, ou podem pegar seus trabalhos manuais, como as meninas de Rouen. Às 9 horas, as leituras estão globalmente terminadas, ao menos para os mais avançados. Preces rápidas marcam a hora: o tempo pertence a Deus e é bom que as crianças construam o tempo cotidiano em referência a ele. Também é o tempo do almoço para todos, inclusive para os mais pobres que recebem uma esmola de seus companheiros. Na volta, os exemplos de escrita preparados pelo professor ou o professor assistente, são distribuídos, assim como as plumas rigorosamente arrumadas em um catálogo específico que pode ser uma tábua pequena com furos onde são inscritos os nomes daqueles que escrevem. Os menos adiantados que ainda não tinham lido, podem fazê-lo agora. A manhã

termina às 10 horas com preces: as crianças são tão logo conduzidas em filas, duas a duas, à igreja para a missa.

Depois do jantar, a aula é conduzida da mesma forma: preces, leituras, depois escrita. Há, no entanto, na segunda hora, uma meia-hora consagrada ao cálculo com a pluma ou com o "jet"¹⁴ para os mais avançados, e o último quarto de hora é reservado ao pequeno catecismo, que é feito todos os dias no final da tarde.

A construção do tempo da semana é adquirida graças a alguns momentos específicos que a ritmam: o dia ou meio-dia de folga nas quintas geralmente, os dois grandes catecismos das quartas e dos sábados, a partir de quinze para as três da tarde. A escola também procura situar as crianças no tempo do ano, graças a preparação dos mistérios de cada festa dominical ou de obrigação, com momentos mais marcados correspondendo às grandes festas religiosas do calendário litúrgico. As férias se situam em torno do mês de outubro. A ordem da escola tende, dessa forma, a garantir uma formação completa das crianças, uma educação total, onde o espaço, o tempo, a ordem das coisas são rigorosamente organizados. A ambição da escola é a de ensinar as crianças a regularem suas vidas.

A maneira de ensinar

A maneira de ensinar mostra igualmente essa busca pela ordem que caracteriza o período 1660-1740. O modelo de escola que é construído então pode ser caracterizado segundo três pontos essenciais: a sequência da aprendizagem, a organização dos alunos em classes, a disciplina exigida das crianças.

¹⁴ Peça chata e geralmente redonda que servia antigamente para fazer cálculos. Nota do Tradutor.

Organização em seqüência da aprendizagem

Os pedagogos querem impor a organização em seqüência da aprendizagem, a ordenação meticulosa dos gestos para aprender, e fazem uma análise tão precisa quanto o possível de todas as etapas dessa operação. Procuram estabelecer uma verdadeira estratégia que pode se assemelhar à taxionomia moderna, com seus numerosos itens.

Vamos pegar o exemplo da escrita, particularmente significativo. O método supõe primeiramente uma organização séria. Os alunos oficiais ou "intendentes da escrita" são encarregados da gestão dos montes de papel apertados em um armário ou em uma caixa, da distribuição das folhas do dia e dos exemplos preparados pelo mestre, ou comprados na cidade na casa de um mestre da escrita. Quanto a maneira de aprender a escrita, ela é, segundo os métodos, muito rigorosa. Trata-se de pôr em harmonia os dedos, o punho, o braço e o conjunto do corpo. Tudo deve ser perfeitamente controlado, ou senão corre-se o risco de ter borrões de tinta, bicos de pluma esmagados, "orelhas" que destroem os cantos das folhas! Escrever é uma técnica do corpo que só é aprendida com muito método, exercícios e correções.

A primeira dificuldade a ser vencida é a de segurar a pluma, ou seja, de aprender a posição do polegar (à esquerda), do indicador e do dedo médio (à direita). Soltar a mão é uma operação tão delicada que os Lasallistas propõem, no começo, dar às crianças bastonetes marcados com três cavidades para elas aprendam a posicionar corretamente os dedos. A harmonia dos dedos depende também da maneira como as falanges estão dobradas. Quanto ao punho, ele não deve encostar-se à mesa, mas deve ser mantido ligeiramente alto pelos outros dedos. O braço esquerdo, ao contrário, fica sobre a mesa e sustenta o corpo. Até mesmo o porte do corpo é imposto: "nem muito inclinado sobre o papel, nem muito reto, mas numa agradável média" segundo

Batencourt¹⁵. Ele aconselha ainda de "baixar medianamente a cabeça e os ombros em direção à escrita" e de não apoiar seu estômago sobre a mesa.

Evidentemente, isso não é tudo! Pois, quando o corpo é endireitado, é preciso pensar no movimento da pluma. Isto significa que é necessário ser capaz de escrever direito sobre as folhas. Os mestres utilizam para isso transparentes, ou folhas que "endireitam-se" elas mesmas, a primeira linha somente para as crianças que começam a manter corretamente suas mãos. Quanto ao movimento circular, as crianças normalmente o adquirem exercitando com o *o* e o *i* (ou o *c*), aprendidas as primeiras letras, absorvendo assim os modelos que o mestre fez e que eles têm sob os olhos. O método de Bayeux propõe uma espécie de transparente feito de osso desengordurado aplicado sobre o exemplo, e sobre o qual eles podem traçar e apagar as letras do alfabeto¹⁶. Depois do *o* e do *i*, as crianças das escolas de Bayeux passam ao *a* (feito de um *o* e de um *i*), ao *f*, *m* e *n*, que são todas consideradas "letras iniciais" que preparam a escrita das outras letras.

Durante a aprendizagem começa a difícil operação de talho da pluma. Trata-se aqui também de um conjunto de gestos extremamente técnicos e delicados, pois eles dependem tanto da escrita que queremos praticar (redonda, bastarda) quanto do material (pluma mais ou menos seca). É preciso abrir a ponta do tubo, o talhar bem levemente, e fazer um bico¹⁷. Podemos ver toda a arte de controlar a si mesmo que supõe a aprendizagem da escrita.

¹⁵ Jacques de Batencourt, *L'école paroissiale*, op. cit., p. 199.

¹⁶ Lettre pastorale de Monseigneur l'Évêque de Bayeux, op. cit., Caen, 1680, p. 69.

¹⁷ Para saber "como é preciso talhar a pluma", ver o *Livre d'écriture* [...] écrit et gravé par Louis Senault, Paris, 1668.

A pedagogia do monitorado

As crianças são organizadas em "classes", segundo seu nível, sobre a responsabilidade de um oficial. Sua fileira no grupo depende também do seu progresso e mérito. O lugar ocupado na sociedade da escola é adquirido, mas é preciso defendê-lo a todo instante contra as pretensões dos colegas. Quando o mestre, ou o oficial encarregado da leitura, reúne mais ou menos dez crianças diante do alfabeto¹⁸ pendurado em uma prateleira de madeira, ele começa sempre interrogando o primeiro da "classe", ou seja, o mais avançado. Ele pratica da mesma forma com os grupos que chegaram à leitura de um livro: determina todas as mudanças de leitores, do mais avançado ao último, com uma vareta ou o toque de um sininho, tendo confirmado no início que todas as crianças possuem a mesma obra, com a mesma impressão. Todos devem manter o dedo sobre a palavra lida, dizendo baixo o que o leitor pronuncia em voz alta.

A organização da escola pela nomeação de oficiais é uma das características principais da pedagogia das pequenas escolas. Eles atendem sob o título de mestres, intendentess, capelães, visitantes, porteiros, decuriães, "*dizainières*"...¹⁹ Esses oficiais são numerosos: vinte "*dizainières*" nas escolas do padre Barré, aproximadamente o mesmo em Lyon quando se conta os decuriães, encarregados de um "grupo" de crianças. E visto que eles mudam muito (segundo os métodos e as tarefas, a cada quinze dias, a cada mês ou de outra forma), podemos pensar que a maioria das crianças, durante os três ou quatro anos que passam na escola, tem acesso a essa honra de receber um cargo do mestre.

Esses oficiais não fazem figuração: eles exercem o cargo na escola de manhã e à tarde, antes da chegada do mestre, e o

¹⁸ Lettres pastorales de Monseigneur l'Évêque de Bayeux, op. cit., Caen, 1680, p. 69.

¹⁹ Dizainière: pessoa encarregada de uma quantidade de crianças. É um ofício, uma função confiada a uma aluna que é chamada "dizainière".

ajudam em seguida na atividade pedagógica da turma. Dessa forma, são os mestres assistentes ou intendentos que fazem reinar a ordem no começo de cada meio-dia, que vigiam o resto de seus colegas, inclusive os outros oficiais, garantem que cada um faz sua tarefa, que as crianças se dirigem aos seus lugares e que não conversam. Eles anotam os culpados para que sejam punidos. O mestre os utiliza ainda durante a aula para os exercícios de leitura e de escrita de maneira a atenuar a sobrecarga das crianças. O porteiro tem autoridade para impedir a entrada na sala daqueles que não estão vestidos de maneira correta. Quanto aos decuriães, seu papel é importante, pois são eles que fazem recitar as lições e dirigem em seguida o pequeno grupo do qual são responsáveis. Existe até oficiais visitantes que investigam as condutas domésticas nas famílias: a obediência e o respeito devido aos pais, assim como a saudação de manhã e à noite, as relações entre meninos e meninas, a prece comum que deve ser dita todos os dias. É, portanto, pela prática que a desordem inerente às crianças é controlada na escola.

As relações na classe. Os castigos

As relações entre o mestre e os alunos são marcadas por uma grande reserva. A familiaridade não existe, nos regulamentos pelo menos: não se pode brincar. Existe uma ordem nas relações que não se deve romper. Se a escola é a igreja das crianças, ela deve ensinar o respeito e a dignidade do porte.

As comunicações são as mais breves possíveis. Sinais sonoros, pequenas preces ou exortações anunciam as diferentes atividades da escola. O mestre deve manter-se distante em qualquer ocasião. Também é recomendado aos mestres que fiquem afastados da vida social, que se divirtam longe da visão dos pais e das crianças.

As crianças, que não se comovem com o silêncio do mestre e que infringem as regras, devem ser punidas. A obrigação de proceder dessa maneira, a menos que o mestre tenha cometido

um erro grave, mas também a prudência que requer o castigo, são considerações importantes que fazem parte do modelo de escola. Trata-se de endireitar naturezas marcadas pelo pecado original e permitir que as graças depositadas por Deus desabrochem. Os textos das Escrituras são sem nenhuma ambigüidade sobre a necessidade de endireitar as crianças. Mas se os princípios são sem falha, a prática não o é e necessita muitas precauções: é preciso fazê-los reconhecer seus erros, evitar de castigar sem razão, evitar também de fazê-lo em um momento de raiva e de exaltação. É preciso ainda impedi-los de gritar durante o castigo, de murmurar depois. Um bom castigo é aceito pela criança castigada. Os mestres devem evitar tocar na cabeça da criança e ter atenção de nunca bater com as mãos; eles aplicam a sentença, sobretudo, nas mãos (palmatória) ou nas nádegas quando usam o chicote. Por isso a precaução de aplicá-la em um lugar separado, ou atrás de uma cortina, para o exemplo de todos, preservando, no entanto, o pudor: pode ser perigoso mostrar uma criança em uma posição impudica, mesmo que para castigá-la.

O ensino

A noção de ordem prevalece sempre no que concerne o ensino dado. O que deve saber uma criança que sai da escola depois de somente alguns anos de presença mais ou menos regular? Ler sem dúvida, escrever, e no melhor caso, contar. Isto é clássico, mas é preciso ir mais longe.

A hierarquia da sociedade

A criança aprende a se situar em relação às outras pessoas que a cercam. A primeira preocupação dos métodos é de construir uma hierarquia de pessoas, de conscientizar, particularmente as crianças pobres, que existe uma ordem de relações na qual elas devem se inserir. É, sem dúvida, um dos primeiros benefícios da escola, o que define melhor seu papel

simbólico em uma sociedade vista como profundamente perturbada.

A criança deve dominar a ordem de relações entre as pessoas com as quais vive. A ordem de sua vida depende dessa conscientização. A relação com Jesus, filho de Deus, é, evidentemente, a primeira, já que ele é o coração da escola. É ele que saudamos ao entrar na sala, retirando o chapéu, pegando água benta na pia batismal, ajoelhando-nos diante do crucifixo, ou fazendo uma reverência, como as meninas de Rouen nas escolas de Nicolas Barré²⁰. Os exercícios de leitura começam pelo sinal da cruz²¹. Todo dia há missa, ou na parte da manhã antes das aulas, ou em torno de 10-11 horas, depois de duas ou três horas de trabalho. É com Cristo que falamos na escola, através das preces da manhã, das orações recitadas a cada hora, das preces do fim da aula. Aliás, a criança só fala praticamente com ele, acrescentando também a Virgem e os Santos, já que ela deve ficar em silêncio durante toda a aula, só falar com o mestre caso seja necessário, a comunicação na sala se faz principalmente através de sinais. E para que as crianças compreendam bem a preeminência absoluta do Cristo na hierarquia social, as faltas de atenção e os barulhos feitos na relação com ele não merecem o perdão e são punidos com o castigo do chicote²².

²⁰ Sobre a obra de R.P. Barré, ver: Nicolas Barré, *Oeuvres complètes*, Paris 1994, et Nicolas Barré, *L'éducation des pauvres aux XVIIe et XVIIIe siècles*, Actes du colloque Nicolas Barré, religieux minime, 1621-1686, Cahiers scientifiques de l'université d'Artois, 1998, estudos reunidos por Marie-Claude Dinet e Marie-Thérèse Flourez.

²¹ Segundo *L'école paroissiale*, "De la méthode à montrer les lettres", p. 173, "para mostrar bem as letras, é preciso que eles comecem fazendo bem o sinal da cruz".

²² Na *Conduite des écoles chrétiennes*, de Jean-Baptiste de La Salle, chap. V, "Des corrections en general", p. 147-149, a correção por varas, e até a expulsão da escola, são aplicadas às crianças desobedientes, pouco estudiosas, briganças, as que não rezam na igreja e as que se mostraram "imodestas" na missa e no catecismo.

As outras imagens da escola são a Virgem, São José, o anjo guardião, os santos da diocese e da paróquia, todos representados por imagens. Os santos principais do calendário cristão só são colocados em uma prateleira de madeira na ocasião de sua festa para que se conheça o mistério de cada um deles. A hierarquia entre eles é manifestada pelo tempo durante o qual permanecem na dita prateleira e pelo tamanho dos cartazes²³. A ordem de relações se estende evidentemente às pessoas com autoridade que cercam a escola, ou seja, primeiramente ao padre cuja autoridade é sempre afirmada, depois aos diretores que tem a seu cargo a gestão das aulas, quando um *bureau* das escolas foi constituído, segundo o modelo de Lyon de Charles Démia²⁴. É o caso, por exemplo, em Moulins, em Poitiers, em Bayeux e em Toul²⁵.

A criança também deve situar o mestre na ordem de relações: sua imagem é claramente desenhada pelos métodos. O esforço para colocá-lo em evidência é considerável. Em primeiro lugar fisicamente, pois ele se instala sobre um estrado em uma cadeira com braços. Em seguida simbolicamente, porque ele representa Jesus Cristo diante de suas crianças. O discurso episcopal dos métodos não hesita em desenhar uma imagem dos mestres e das mestras de escola que os afastam do comum, os aproximando do ministério divino. Quais são as características

²³Ver Batencourt, op. cit., "Les meubles de l'école", p. 51 et sq, et Démia, op. cit., p. 29-30. Esse último prescreve para cada escola "uma pequena cartolina ou moldura para colocar a imagem do catecismo, que é mudada a cada festa".

²⁴ Segundo uma ordem dada pelo bispo de Lyon datando de 1672, e cartas de porte de 1680.

²⁵Esses escritórios das escolas, criados com a iniciativa dos bispos, são sempre presididos por um eclesiástico e compostos de "diretores" escolhidos entre os principais eclesiásticos e os notáveis laicos da cidade onde são estabelecidos, esses últimos geralmente vindos das cortes de justiça. O tesoureiro é sempre laico.

dessa imagem ideal do mestre?²⁶. Os clichês repetidos da função são a "santidade do emprego", sua dificuldade e o pouco reconhecimento do público, o exemplo devido às crianças²⁷. A humilhação e os sofrimentos são praticamente inseparáveis do emprego. No entanto, lhes é necessária muita bondade e caridade para suportar a irregularidade das crianças e a desordem dos pais, dos quais a escola também tenta impor a autoridade, assim como a dos oficiais da escola a quem o mestre confiou uma tarefa particular que os situa acima de seus colegas. Nada como a prática de uma responsabilidade para situar-se a si mesmo na hierarquia da sociedade civil e respeitá-la!

Se a escola cristã tenta construir a corrente da integração social, ela procura romper, paralelamente, certas relações existentes. É uma característica do modelo de escola lutar contra as festas de máscaras, na ocasião do carnaval. Os mestres de Lyon retêm especialmente os estudantes depois do jantar da terça-feira gorda para impedir "qualquer ocasião de dissipação e de libertinagem"²⁸. Nos dias de carnaval, eles organizam debates de catecismo para reter as crianças na aula. A escola cristã luta ainda contra as más companhias e os jogos do cabaré, contra tudo que representa a desordem do corpo e do espírito. No entanto, procura agrupar as crianças em uma confraria, como a de *Saint-Enfant-*

²⁶ Apesar dos esforços da Igreja, no entanto, essa imagem não corresponde à realidade. Em uma carta destinada ao bispo de Oloron de 15 de março de 1737, o intendente de Béarn, M. de Balosre, fala dos regentes como sendo "cópias de domésticos" dos padres, "homens mercenários e pouco capazes". Archives nationales, Fonds du Clergé, G8 643.

²⁷ "Acima de tudo, a vida dos Mestres e Mestras deve ser exemplar e edificante, porque as crianças absorvem com mais facilidade os defeitos de seus Mestres, do que as suas virtudes: e como o que elas vêem marcam-nas mais do que o que elas ouvem, [...] quando os primeiros exemplos que lhes foram dados, são exemplos de libertinagem e de desordem", Lettre pastorale de Monseigneur l'Évêque de Bayeux, op. cit., Caen, 1690, p. 28.

²⁸ Charles Démiá, op. cit., p. 17. Jacques de Batencourt, op. cit., p. 99, também quer "desviar as crianças da libertinagem do Carnaval".

Jésus na escola da diocese de Lyon, e chega, inclusive, a ajudar aqueles que mereceram se estabelecer na casa de um mestre para aprender uma profissão²⁹. A escola interpreta bem, portanto, o seu papel de reconstrutor da ordem junto as crianças que são consideradas como vivendo, por natureza, na desordem da vida.

A disciplina dos gestos

O segundo aprendizado importante da escola é o domínio de si, um domínio que os afasta da rudeza e que torna mais digna a categoria de criança de Deus. É por isso que a disciplina dos gestos é uma aquisição importante, como nos mostra Georges Vigarello em *Le Corps redressé*: "o corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança"³⁰. Quais gestos, quais atitudes a escola espera ensinar?

A principal noção que guia os mestres e mestras de escola é a da modéstia³¹. A modéstia é a disciplina do corpo, dos gestos, da voz, das roupas. A escola caça os impulsos que levam aos socos, às "pancadarias", à exaltação do discurso, às palavras grosseiras, às injúrias e aos insultos; ela ataca ainda toda falta de pudor referente à parte baixa do corpo. As imundices do corpo são, doravante, escondidas, e as crianças que vão às suas necessidades assinalam com precaução sua presença.

A parte mais visível da modéstia concerne à limpeza e à conduta. O porteiro vigia particularmente os cabelos penteados, sem parasitas, as roupas abotoadas, que estejam mais limpas

²⁹ Charles Démia, *Ibid*, p. 49.

³⁰ *Le corps redressé. Histoire d'un pouvoir pédagogique*, Paris, Jean-Pierre Delarge, 1978. Introduction.

³¹ Segundo o dicionário de Furetière, a modéstia fica próxima do pudor e da moderação. "A modéstia dos eclesiásticos edifica muito o povo: é preciso que a modéstia deles apareça muito em suas ações, à sua mesa, no seu trem." O *Dictionnaire de l'Académie* (1672) marca ainda mais a evolução da palavra em direção a moderação na maneira de se conduzir, de falar, de se vestir.

possíveis e que não estejam rasgadas, mesmo que eles sejam muito humildes. A modéstia da roupa exclui qualquer vestígio de vaidade e de orgulho, como as plumas, os frisados e o pó-de-arroz nos cabelos. As crianças contaminadas com doenças como a sarna, a acariase e as escrófulas não são aceitas na aula. A modéstia concerne também o passo, regular, a atenção para não fazer barulho com seus tamancos entrando na sala, o controle de seus gestos (é proibido se coçar na missa e durante as preces, de respirar ruidosamente, de olhar tudo sem reserva). "A maneira de ficar em silêncio é que as crianças estejam cobertas, os braços cruzados, o olhar baixo, sem que elas abaixem no entanto a cabeça, nem que curvem o corpo, comportando-se como hipócritas..."³². São ainda assinalados como impudicos, pelos oficiais, aqueles que falam, que empurram os colegas nas filas, que fazem barulho nas ruas...

O controle dos gestos é particularmente sensível nos rituais de entrada na aula, bem descritos nos métodos. Entra-se na sala como em uma igreja³³. As crianças aprendem a pôr seu corpo em harmonia com o lugar que elas freqüentarão durante toda sua vida: a igreja paroquial. Os corpos tornam-se menos rudes na escola e se liberam das asperezas do populacho. A gestual de entrada se desenrola sempre dessa forma: tirar o chapéu, colocando-o debaixo do braço, pegar água benta, ficar em silêncio, caminhar modestamente, ajoelhar-se diante do crucifixo ou reverenciar-se, rezar preces curtas em voz baixa (*Pater* e *Ave Maria* geralmente), caminhar até o lugar atribuído. Tendo a criança controlado seu corpo, ela se preparou em espírito para repetir em voz baixa suas lições e as respostas do catecismo, antes da chegada do mestre.

³² Règlements concernant la conduite et la direction des écoles charitables établies dans la ville de Moulins, op. cit., art. 50.

³³ Ver Marcel Grandière, "les petites écoles ou les églises des enfants", p. 7-37, *L'idéal pédagogique en France au dix-huitième siècle*, op. cit.

Esse último, aliás, não é poupado da exigência de modéstia: moderação dos gestos, cor escura da roupa, controle da voz, ar severo; o mestre cria uma compostura que faz as crianças e os pais lhe respeitarem. É fazendo referência aos eclesiásticos, um modelo para os mestres, que o dicionário de Furetière define o termo da modéstia. A virtude da modéstia dos mestres, segundo Batencourt, "tempera as ações relacionadas à visão, à audição e ao toque. É por isso que o mestre deve ser bastante cauteloso para não ter uma visão dispersa, mas modesta: não enferrujar os olhos e fazer gestos de touro contra suas crianças; nunca bater nelas com seu chapéu, ou boina, mas somente com a vara, a palmatória, ou a vareta, nos dedos e nunca na cabeça"³⁴.

Existe ainda toda uma gestual do chapéu bastante simbólica do controle de si e da aprendizagem da relação com os outros. O chapéu é generalizado, daí a importância de conhecer seu uso. O princípio é, evidentemente, de descobrir a cabeça para saudar, e de recobri-la um pouco depois, quando somos íntimos ou da mesma categoria. Na escola cristã, os alunos descobrem a cabeça toda vez que fazem o símbolo da cruz, ou seja, quando entram na sala, no começo da leitura quando o "banco" de leitores se levanta, e toda vez que uma prece vai ser dita. Em Poitiers, quatro badaladas do sino ritmam o fim do almoço das 9 horas e a recitação das graças: a primeira é para tirar o chapéu, a segunda para se levantar, a terceira para virar em direção ao crucifixo, a quarta, enfim, para cantar a prece. Os alunos retiram ainda seu chapéu cada vez que eles falam com o mestre para recitar suas lições ou lhe pedir alguma coisa, ou ainda quando uma pessoa importante entra na sala.

A disciplina dos gestos na aprendizagem

A aquisição da leitura não escapa dessa disciplina dos gestos. Lembremos que a leitura está no centro da organização

³⁴ Jacques de Batencourt, op. cit., art. V, p. 23.

pedagógica da aula e que ela comanda a distribuição dos alunos nas diferentes "classes", segundo o progresso nessa aprendizagem: as crianças percorrem nove níveis de leitura³⁵, começam a escrita (seis níveis) no sétimo nível de leitura, e a aritmética (cinco níveis) no quarto nível de escrita. A longa duração da aprendizagem da leitura, sua estrita gradação segundo as etapas precisas, a exigência de um rigoroso respeito do método, tudo mostra que se trata de adquirir bem mais que uma simples competência operacional.

Essa aprendizagem é primeiramente, para muitos alunos do povo, uma formação humana de rigor e de controle de si. As longas e repetitivas seções de aprendizagem sistemática das letras e das sílabas, depois a soletração rigorosa das palavras que são decompostas em elementos, a leitura por palavras, por linhas e por frases, tudo nessa aprendizagem estritamente regulamentada lembra que a leitura é, em primeiro lugar, um exercício de controle de si mesmo. O domínio da voz faz parte do exercício: é necessário lutar contra a balbúcia das crianças nas preces que só pronunciam sons misturados sem compreender nada. Sem dúvida é também o caso dos adultos... De onde a insistência dos mestres, que nos parece incompreensível hoje em dia, na pronúncia exata das letras e das sílabas, na acentuação determinada de todas as letras que devem ser ouvidas, inclusive as últimas como o *r* no *sanctificetur* do *Pater Noster*. Todas as preces são recitadas destacando-se as sílabas para marcá-las bem³⁶. Não insistimos o suficiente até aqui sobre a difícil saída do mundo da oralidade das

³⁵ Os nove níveis de leitura são os seguintes: lista do alfabeto; lista das sílabas; silabário (soletrar apenas); silabário (para a leitura destacando as sílabas); segundo livro: leitura acompanhada; terceiro livro: pontuação, números; saltério (livro dos salmos) para ler em latim; cortesias; manuscritos e registros. Ver Yves Poutet, *Génèse et caractéristiques de la pédagogie lasallienne*, éditions Don Bosco, 1995.

³⁶ É preciso, segundo L'école paroissiale, op. cit., p. 6, "aprender bem a pronunciar o Pater, a Ave Maria, o Credo, o Confiteor, em latim e em francês, e também o Benedicite, e as preces do exercício do cristão". Essa recomendação é geral.

massas populares, onde os dialetos misturavam consideravelmente as sonoridades, talvez porque os pesquisadores se colocam naturalmente do lado do mestre que ensina, e não do ponto de vista da criança que aprende, da cultura de onde saíram. Essa exigente saída do mundo da oralidade foi feita através da aprendizagem das sílabas e da marcação das letras importantes para colocar em evidência as palavras, para isolar os elementos que constituem as produções sonoras efetuadas. Tudo é, então, arrumado na escola modelo, inclusive a voz, e, sobretudo, a ordem das palavras, que as crianças se esforçam para aprender fazendo exercícios de determinação de cada elemento.

No campo da aritmética, a escola procura o mesmo rigor dos gestos pela adoção de uma iniciativa bastante precisa dos métodos, em parte teórico evidentemente, já que existe uma grande distância na educação entre a demanda institucional e as realizações concretas. As crianças que chegam até esse nível de cálculo aprendem a "controlar a mão e a pena", a praticar as quatro operações e a resolver os problemas que estão relacionados a uma dessas operações. O "jet" na mão (p. 50-51) permite conhecer e manipular as diferentes ferramentas de conta do Antigo Regime para dominá-las. A criança aprende numa primeira etapa o valor dos caracteres, depois o jeito de colocar os "jetons". Os exercícios consistem a nomear as "somas" (os números) num primeiro momento, a somar, ou seja, reagrupar as unidades de *sol* e de *livres*³⁷ em 5, 10, 20 e 100.

O essencial do trabalho concerne, no entanto, o uso do "jet" à pluma: a aprendizagem dos números árabes, das técnicas operacionais que são aprendidas com muita precisão, de maneira a compreender bem as regras de numeração. O rigor, a ordem da iniciativa são absolutamente necessários para a realização das diferentes operações, com os *livres*, *sous* e *deniers*, como na multiplicação (p. 52). Quanto às divisões, *L'école chrétienne* de

³⁷ Moedas do Antigo Regime francês. Nota do tradutor.

Jacques de Batencourt dá apenas explicações sucintas: as regras de divisão podiam, certamente, ser aprendidas na escola, mas, sobretudo, nas salas dos mestres escritores ou nas escolas de matemática que prolongavam para alguns alunos o curso das pequenas escolas.

Conclusão

O modelo de escola que constroem os clérigos durante o reinado pessoal de Luis XIV aparece como uma ferramenta para pôr em ordem uma sociedade agitada pela violência e pela miséria. Essa escola privilegia a ordem moral, a aquisição das regras, dos gestos, da ordem em geral. Ela se interessa pelas aprendizagens que permitem a integração na sociedade, a entrada na corrente de relações que a estruturam. É por esse lado que ela vai pouco a pouco se secularizar e se afastar da imagem de "igreja das crianças" que a impregnam fortemente no final do século clássico.

*Maniere de connoître les valeurs des
caractères. §. 2.*

Quand les enfans connoîtront bien les caractères des sommes & valeurs d'icelles, il faudra faire entendre la valeur des getons posez en diverses places, car vn geton posé tout en bas & seul vaut six deniers; s'il y en a plusieurs au dessous, ils valent autant de deniers, ceux de dessus valent autant de sols: s'il y en a vn à côté des sols, il vaut cinq sols; vn au dessus tout seul vaut dix sols. Ceux qui sont au dessus valent autât de livres. Celuy qui est posé au dessus, vaut dix; & ceux de dessus valent vingt livres, ceux qui sont rangez à côté des vingt livres, valent autant de centaines de livres qu'il y a de getons. Le Maître pourra luy-même ranger les getons, & leur fera nommer les sommes, marquant par les getons en cette façon couchez sur la table la somme à proposer.

Et afin de les mienx apprendre, apres leur avoir montré vne Leçon, il la donnera à faire repeter à quelqu'un de ceux qui sont les plus avancez, & par ce-moyen les vns & les autres seront instruits, passant aux autres qui seront plus avancez, pour leur faire repeter la Leçon precedente, & leur en montrer vne autre nouvelle. Chacun d'eux aura à cet effet vn petit livre de papier blanc, large de trois poudes, pour écrire les sommes qui luy seront données, ou qu'il formera luy même, tant pour geter à la plume qu'à la main.

Modele pour placer les Getons. . . 805

Dix mil livres.



Les mil livres.



Les-cent livres.



cing mill.



cing cens livr.



Dix livres.

cing livres.



livres



Dix sols.

cing sols.



sols.



Six deniers.



den.

PAROISSIALE. 323



Somme qui comprend toutes les precedentes

$$\begin{array}{r} 656 \frac{1}{2} \\ \text{à 2 l. 18 s. 11 d.} \end{array} \quad \begin{array}{r} 8 \\ 4 \times 4 \\ 5 \end{array}$$

pour ii. l.	1312 l.	preuve par 9. comme cy-devant.
pour x. sols	328 l.	
pour v. s.	164 l.	
pour ii. s.	65 l. 12 s.	
pour i. s.	32 l. 16 s.	
pour vi. d.	161 8 s.	
pour iii. d.	8. l. 4 s.	
pour i. d.	2 l. 14 s. 8 d.	
pour i. d.	2 l. 14 s. 8 d.	
pour le $\frac{1}{2}$	19 l. 7 d. $\frac{3}{4}$	
1933 l. 8 s. 11 d. $\frac{1}{2}$		

Pour reduire les écus en livres, il faut multiplier les écus par trois livres. Exemple

$$\begin{array}{r} 362 \text{ écus.} \\ \text{par 3. livres.} \end{array} \quad \begin{array}{r} 6 \\ 0 \times 0 \end{array} \quad \begin{array}{r} \text{preuve} \\ \text{par 9.} \end{array}$$

10386 livres revenans des écus.

Pour reduire les livres en sols, faut multiplier les livres par vingt sols.

$$\begin{array}{r} 10386 \text{ livres.} \\ \text{par 20 sols} \end{array} \quad \begin{array}{r} 0 \\ 0 \times 0 \end{array}$$

207720 sols revenans des livres

Fonte das imagens

Instruction méthodique pour l'école paroissiale, dressée en faveur des petites écoles, divisée en quatre parties [...], Jacques de Batencour, Paris, P. Trichard, 1669.

Marcel Grandière - Professor universitário, colabora com as pesquisas do SHE - Service d'histoire de l'éducation de l'INRP (Paris) e da equipe de pesquisa l'IUFM des Pays-de-la-Loire. Pesquisa sobre a escola como dispositivo de regulação social, do século XVII ao XIX. Tem publicado, entre outras obras: *L'Idéal pédagogique en France au dix-huitième siècle* (Oxford, 1998) e *La formation des maîtres en France. 1792-1914*, INRP, 2006. E-mail: grandiereM@aol.com

Sabina Ferreira Alexandre Luz - Aluna do sexto semestre do Curso de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica CNPq/PUCRS (2006/1).

Maria Helena Camara Bastos - Doutora em Educação - História e Filosofia da Educação (USP); professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; pesquisadora do CNPq. E-mail: mhbastos@puers.br

Recebido em: 11/12/2006

Aceito em: 15/03/2007